

## SEMÂNTICA GLOBAL: CENOGRAFIA E ETHOS NO DISCURSO POLÍTICO DO ATUAL GOVERNADOR DO ESTADO DO RS

Ernani Cesar de Freitas<sup>1</sup>  
Viviane Demetrio da Silva Scariot<sup>2</sup>

Este artigo apresenta a análise de um discurso político do atual governador do estado do RS, José Ivo Sartori, o qual faz parte das inúmeras discussões referentes à situação enfrentada pela classe dos professores da rede pública estadual de ensino. O objetivo geral visou descrever e analisar o *ethos* discursivo, construído através de cenografias enunciativas, enquanto posição de destaque no discurso político. O trabalho tem como suporte teórico as contribuições da semântica global (MAINGUENEAU, 1984/2008a) e do discurso político (CHARAUDEAU, 2017). A pesquisa realizou-se de forma descritiva e bibliográfica, uma vez que partindo do aparato teórico escolhido foi sendo tecida a análise. Constatou-se que a construção do *ethos* discursivo é representada pela projeção de uma imagem do eu, instituída em cenografia própria, para persuadir o outro, no cenário do discurso político. Evidenciou-se que, no cenário político, as posições assumidas pelos autores do discurso desencadeiam na persuasão, objetivando a adesão do público, tanto eleitor quanto filiado, simpatizante, ou, simplesmente, adepto das doutrinas. Assim, no âmbito de análise do discurso político, esta pesquisa concentrou-se na investigação de tomada de posição assumida pelo *ethos*, ao projetar-se para efetivar os conceitos que sustenta, bem como na cenografia construída no contexto da produção do discurso.

**Palavras-chave:** Discurso político. Cenografia. Ethos.

### GLOBAL SEMANTIC: CENOGRAPHY AND ETHOS IN THE POLITICAL SPEECH OF THE CURRENT GOVERNOR OF THE STATE OF RS

This article presents the analysis of a political discourse of the current state governor of the State of Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, which is part of the numerous discussions regarding the situation faced by the class of teachers in the state public school system. The general objective was to describe and analyze the discursive ethos, built through enunciative scenographies, as a prominent position in political discourse. The work has as theoretical support the contributions of global semantics (MAINGUENEAU, 1984 / 2008a) and political discourse (CHARAUDEAU, 2017). The research was carried out in a descriptive and bibliographical way, since starting from the chosen theoretical apparatus the analysis was woven. It was found that the construction of the discursive ethos is represented by the projection of an image of the self, instituted in its own stage, to persuade the other, in the scenario of political discourse. It was evidenced that, in the political scenario, the positions taken by the authors of the discourse trigger in the persuasion, aiming at the adhesion of the public, as much elector as affiliated, sympathetic, or, simply, adept of the doctrines. Thus, in the context of the analysis of political discourse, this research focused on ethos's position-making research, when projecting itself to effect the concepts it supports, as well as on the set-up constructed in the context of discourse production.

**Keywords:** Political discourse. Scenography. Ethos.

## 1 Introdução

<sup>1</sup> Doutor em Letras (PUC-RS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Professor do PPGL – Universidade de Passo Fundo (UPF); e-mail: ecesar@upf.br.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras – UPF. Mestra em Letras – UPF/2013. Professora da rede pública e particular em Sananduva – RS; e-mail: vividds@yahoo.com.br.

Esse trabalho analisará como o *ethos* discursivo, construído através da cenografia, projeta-se no outro mediante processo de persuasão do discurso político. A posição assumida pelo *ethos* é que estrutura o discurso político, pois serve de alicerce à construção da imagem de si, conforme o contexto enunciativo instituído.

A semântica global (1984/2008a), teoria desenvolvida por Maingueneau, embasará todo o processo de construção de pesquisa durante o desenvolvimento do trabalho, pois, como ela tem como objeto de estudo o discurso, acredita-se que é viável partir por esse viés para se chegar à análise do discurso político concebido por Charaudeau (2017). Através desse percurso é que será possível entender as relações de persuasão impostas na e pela sociedade, através da tomada de posição efetivada pelo *ethos*, em cenografias enunciativas.

O tema deste estudo é a análise do discurso político, mais especificamente à construção da cenografia e do *ethos* em um discurso do atual governador do estado, do RS José Ivo Sartori (01-01-2015, em exercício até 01-01-2019). O *corpus* é um discurso proferido e divulgado em entrevista realizada por Flávio Ilha, transmitida ao vivo ao portal Terra, ocorrida no dia 21/10/2014, durante campanha eleitoral ao Palácio Piratini.

O discurso político apresenta determinado *éthe* construído e ressignificado para cada momento da cenografia enunciativa, pois aquele que o profere tem consigo uma condição de pertencimento da ideologia que se propaga ao povo. Defendemos, assim, o pressuposto de que o *ethos* discursivo, projetado pela cenografia enunciativa, constrói uma imagem de si que garante a aceitação e persuasão do seu público alvo, convencendo pelo poder das palavras.

A pesquisa é relevante social e academicamente, na medida em que mostra, através de um *ethos* construído e projetado em cenas enunciativas, como se organiza o discurso político, enquanto modo de convencer o outro pelo valor assumido pelas palavras escolhidas. Através desse trabalho, será possível demonstrar a posição assumida pelo *ethos* como elemento desencadeador de persuasão política, agregando valor ao discurso.

Também assume importância essencial na medida em que dialoga com uma das classes fundamentais para o país: professores. Nesse sentido, busca-se assumir uma posição de construção enunciativa do discurso que tramite para

estabelecer a posição do governo e do povo, como imagem de aceitação pela sociedade, tanto política quanto trabalhadora.

Outro aspecto fundamental que orienta o trabalho é a sua inserção à linha de pesquisa no PPGL: Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso. Dessa forma, é possível adequar a teoria estudada à prática que orienta as relações sociais diárias, pois vivemos em um país onde a imagem do político diz muito sobre a sua maneira de governar, assim como as cenografias que se instituem em tal discurso.

A metodologia utilizada parte da pesquisa bibliográfica descritiva, pois, a partir dos conceitos teóricos, é realizada a análise do corpus que discorre sobre o processo da construção da imagem de si, com abordagem qualitativa, isto é, leva em conta o conteúdo presente no discurso elencado, apontando e analisando elementos sociais que estão representados pelo poder de persuasão, construído pelo ethos, em determinado quadro da cena enunciativa.

Este estudo está estruturado conforme as seguintes seções: fundamentação teórica, na qual são abordados os principais elementos da semântica global, inserida no quadro teórico do Gênese do Discurso (MAINGUENEAU, (1984/2008a), onde se enfatiza a questão da cenografia e do ethos; metodologia de pesquisa, onde são desenvolvidas as categorias utilizadas ao longo do trabalho; análise do corpus, e considerações finais.

## **2 Semântica global: cenografia e ethos discursivo**

O discurso de ordem política é um campo vasto para depreender os conceitos da semântica global, uma vez que as marcas enunciativas deste discurso relacionam-se com a questão da persuasão do outro, por intermédio da postura assumida pelo ethos. Nessa perspectiva, é possível “ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77), pois estas se referem a todos os elementos do plano discursivo, que são: intertextualidade, vocabulário, tema, estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão.

O primeiro plano compreende a intertextualidade, a qual instaura os “tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77), uma vez que dentro do contexto do discurso político não existe nada original, tudo se baseia em algo que resulta das ações

pretendidas em uma relação de apropriação de elementos anteriores. A intertextualidade demarca a competência discursiva de certo campo (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009), pois é na junção daquilo que já foi enunciado que o novo discurso ampara-se para assumir sua legitimidade.

Outro plano que constitui a semântica global é o vocabulário, pois, conforme Maingueneau (2008a, p. 80), “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente”, mas “além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento” (p. 81). Dessa maneira, a palavra empregada de forma isolada não assume os sentidos pretendidos, mas no conjunto do discurso, ou seja, no encadeamento com outros termos é que a função de enunciar realiza-se efetivamente.

O tema também se configura como parte constitutiva da semântica global, sendo definido para Maingueneau (2008a, p. 81) como “aquilo de que um discurso trata, em qualquer nível que seja”, sendo que “sua ação é perceptível em todos os pontos do texto”. Classificar um ou outro tema como mais importante dentro de um mesmo discurso não é algo simples, pois o sentido, semântica, é que instaura a relevância daquilo que é proposto.

O estatuto do enunciador e do destinatário também configura mais um dos planos propostos pela semântica global de Maingueneau (2008a, p. 87, grifo do autor), “sendo que cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Assim, estruturam-se, dentro do discurso, as imagens recíprocas do eu e do tu que desencadeiam a competência para articular informações, enquadradas em um espaço onde a imagem de si projeta-se e legitima-se.

O discurso também apresenta marcas que o situam dentro do quadro enunciativo de tempo e espaço, denominada dêixis enunciativa. Esse plano constitutivo requer para cada discurso uma maneira própria de enunciar que se “constrói em função de seu próprio universo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 88), ou seja, são as marcas que legitimam aquilo que é afirmado. As marcas de tempo e espaço para Maingueneau (2008a, p. 89) são compreendidas como “uma instância de enunciação legítima, delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação”, sendo que isto se legitima em conformidade com tudo aquilo que se enuncia, no contexto discursivo.

Além desses aspectos, a semântica global também apresenta a maneira de dizer como mais um dos planos constitutivos, sendo que esse modo de enunciação desencadeia a concepção de que “o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria. Não se trata de fazer um texto mudo falar, mas de circunscrever as particularidades da voz que sua semântica impõe” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91). Isto é, cada discurso apresenta formas elaboradas para enunciar aquilo que se pretende, e tudo depende do momento em que acontece a produção e projeção.

O último elemento do plano discursivo elencado por Maingueneau (2008a, p. 94) constitui-se como o modo de coesão: “maneira pela qual um discurso constrói sua rede de remissões internas”, ou seja, trata-se de uma interdiscursividade, específica de cada formação discursiva, sendo que “cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro. Todas essas junturas de unidades pequenas ou grandes não poderiam escapar à carga da semântica global” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96). Dessa forma, todo e qualquer discurso considera tudo aquilo que o circunda para construir o sentido específico em cada ato enunciativo.

Todos estes elementos do plano constitutivo da semântica global podem ser definidos como artefatos de construção de sentido, no plano discursivo. “Percebamos, pois, que a semântica global não consiste em privilegiar um plano e excluir outro; a noção de global envolve o encontro de todos os planos como intrínsecos à construção da cena enunciativa” (FREITAS; FACIN, 2011, p. 203). Reitera-se que os planos do discurso são indispensáveis para construir o contexto enunciativo, o qual necessita do amparo da cenografia instaurada e do ethos projetado para significar, conceitos elencados no decorrer do trabalho.

### **3 Cenografia e ethos: artefatos do discurso político**

Os termos cenografia e ethos foram, inicialmente, introduzidos por Maingueneau (1997), em sua teoria, na obra *Novas tendências em análise do*

*discurso*. A partir deste momento, são usados recorrentemente pelo autor em seus estudos teóricos.

Todo e qualquer discurso implica uma situação de enunciação específica e com o discurso político não é diferente, “as significações do discurso político são fabricadas e mesmo refabricadas, simultaneamente, pelo dispositivo da situação de comunicação e por seus atores” (CHARAUDEAU, 2017, p. 53). Assim, a cenografia é parte constituinte da construção de sentido no discurso político, pois este apresenta e constrói um contexto muito particular para representar aquilo que se pretende ao se fazer enunciar ao outro.

A noção de cenografia está imbrincada à noção do caráter teatral, o qual está associado à grafia. Essas duas noções garantem a legitimidade de um texto, ou seja, a obra se legitima criando um enlaçamento, fornecendo ao leitor um mundo cujo caráter exige que a própria cenografia represente aquilo que diz (FREITAS; SERENA, 2014, p. 74).

Com a noção criada pela semântica global, Maingueneau (2008a) afirma que o discurso é concebido na interação entre todos os planos que o constituem, por isso é que todo discurso constrói um quadro enunciativo. E acrescenta (MAINGUENEAU, 1997, p. 75), “o enunciado não é um ponto de origem estável que se ‘expressaria’ dessa ou daquela maneira”, está enquadrado em determinada cena enunciativa, que determina a posição do ethos.

A cena de enunciação de um discurso torna-se possível devido às três cenas que o constituem: a englobante, a genérica e a cenografia. Na junção destas é que se estrutura o quadro enunciativo do discurso. Consoante Maingueneau (1997, p. 77), “desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação”, a cena passa validar, legitimar a enunciação.

A cena englobante relaciona-se diretamente com o tipo de discurso: educacional, filosófico, institucional, etc. A cena genérica diz respeito ao gênero do discurso, isto é, a maneira como é estruturado para desencadear a enunciação, seja através de notícia, depoimento, entrevista, discurso, etc. E a cenografia representa a junção de todos esses elementos para acontecer a enunciação, pois conforme Maingueneau (1997), cenografia não corresponde somente a ideia de teatro, mas o conjunto de inscrição do discurso.

Assim sendo, a cena englobante não basta por si mesma para explicitar todas as interações verbais, por esse motivo é que acontece a junção com a cena genérica, porque juntas “definem o espaço mais ou menos estável no interior do qual o enunciado ganha sentido, isto é, o espaço do tipo e do gênero do discurso” (POSSENTI, 2008, p. 204). Tanto a cena genérica quanto a englobante constituem parte fundamental de todo e qualquer discurso.

Além destas, a cenografia é a outra cena que assume espaço dentro do quadro enunciativo do discurso. Freitas e Facin (2011, p. 204) referem-se a Maingueneau (2004),

[...] a cenografia é construída pelo próprio texto e não diz respeito a um espaço físico, como se o enunciador pertencesse a um ambiente “emoldurado”, mas, sim, a um espaço que é validado por meio da própria enunciação. A cenografia implica um processo de enlaçamento paradoxal entre as cenas, ou seja, a fala supõe uma situação de enunciação que é validada à medida que a própria enunciação se consolida.

A partir deste quadro enunciativo instaurado, é possível relacionar o discurso político, pois esse gênero cria todas as cenas para se enquadrar no jogo de persuasão do outro.

Conseqüentemente, quando falamos, somos, ao mesmo tempo, constringidos pelas normas e convenções da linguagem que compartilhamos com o grupo, e livres – ainda que relativamente – para proceder a um uso discursivo que nos caracteriza de forma exclusiva, permitindo nossa individualização (CHARAUDEAU, 2017, p. 51).

Ao se dirigir ao público, o objetivo do discurso político é deixar as marcas de um *ethos* próprio, bem como reafirmar sua cenografia enunciativa. Dessa forma, uma das grandes marcas do processo político democrático é o lugar que o outro assume para legitimar seu dizer, suas concepções, suas doutrinas, valendo-se da imagem que se projeta sobre si mesmo.

“Para discorrer sobre o *ethos*, é imprescindível retomar a tradição antiga, proveniente da Grécia, focalizando principalmente a teoria de Aristóteles, que foi o responsável por sistematizar a retórica como a arte da persuasão” (FREITAS, 2010, p. 180). O termo *ethos* relaciona-se com a construção de uma identidade, no discurso político.

O ethos liga-se ao seu enunciador pelo fato de que este assume uma tomada de posição frente ao discurso. Dessa forma, infere-se que o ethos se relaciona com a construção de uma corporalidade do enunciador por intermédio de um tom lançado por ele no âmbito discursivo (MAINGUENEAU, 2008b), ou seja, enuncia com uma intenção marcada e específica, no caso de convencer o outro.

O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2017, p. 115).

O ethos pode então ser percebido como o elemento que estrutura a relação de comunicação entre o enunciador e o seu destinatário, uma vez que “é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem” (CHARAUDEAU, 2017, p. 118). O ethos legitima-se na relação de comunicação entre os participantes da cena enunciativa e como parte constituinte seguinte do trabalho, estruturamos às questões metodológicas.

#### **4 Procedimentos metodológicos**

O corpus de pesquisa é um discurso político proferido pelo atual governador do estado José Ivo Sartori (01-01-2015, em exercício, até 01-01-2019), durante o processo de campanha eleitoral de 2014. A entrevista realizada e divulgada por Flávio Ilha, transmitida ao vivo ao portal Terra, aconteceu no dia 21/10/2014, às 11h18min, sendo que houve atualização às 18h17min. Este é um recorte dos tantos apontamentos discursivos realizados nos períodos de crise entre o governo do estado e a classe de professores.

Para analisar esse corpus, utilizaram-se fundamentos da semântica global através da cenografia e do ethos discursivo. Entende-se que o discurso político apresenta elementos importantes quanto à estrutura que será analisada no decorrer deste trabalho, pois através da imagem construída pelo ethos é desencadeada a aceitação, persuasão do outro, em determinada cenografia enunciativa.



A pesquisa apoiou-se em fontes bibliográficas e conceitos descritivos abordados na análise, além de introduzidos ao longo do texto. A análise desenvolveu-se a partir de categorias teóricas (estruturas enunciativas) que embasaram os procedimentos metodológicos, tais como: intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa, modo de enunciação, modo de coesão, cena genérica, cena englobante, cenografia, ethos (Maingueneau, 1984/2008a), conceitos presentes no discurso político que é produzido e veiculado à aceitação do público.

O discurso selecionado busca a persuasão pelas ideias difundidas, e a construção de um sentido adequado através da escolha do vocabulário em sua produção. Sendo assim, levará em conta os mecanismos da língua que buscam persuadir o leitor, desencadeando a construção de imagem de si dentro do quadro enunciativo do discurso político.

O principal critério utilizado na seleção do discurso político foi o fato de ele apresentar elementos constitutivos da semântica global, como estrutura enunciativa de construção do sentido, através de uma representação social pela linguagem. Também será considerado o tema abordado e a sua importância na realidade, uma vez que somente se aceita uma ideia pela relevância proposta, isto é, pela posição defendida pelo *ethos* que a legitima. Na sequência, efetiva-se a análise do discurso selecionado.

## **5 Análise do corpus**

O corpus utilizado para análise é um recorte do discurso político, reproduzido em vídeo, quando em entrevista do atual governador do estado José Ivo Sartori, durante o processo eleitoral de 2014. Em seu pronunciamento, Sartori recomenda que professores busquem piso em loja de material de construção. A declaração gerou nota de repúdio de profissionais ligados à educação e tornou-se viral na internet; candidato retratou-se quando, momentos depois, pediu desculpas.

### **Sartori: declaração sobre professores gera polêmica**

“Eu fui lá no Cpers (Centro dos Professores do Estado do RS) e não assinei o documento exigindo um compromisso de pagar ou resgatar o salário, vamos

dizer...como é que diz mesmo? O piso! O piso eu vou lá no Tumelero (loja de material de construção) e eles te dão um piso melhor, né? (risos). Ali tem piso bom, né?”

**Fonte- Internet- Portal Terra: por Flávio Ilha  
21/10/2014 11H18 MIN/ ATUALIZADO 21/10/2014 18H17MIN**

Este discurso político assume relevada importância social no momento em que acontece a declaração, configurada em tom jocoso, do candidato ao governo do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, a qual provocou troca de acusações e um pedido formal de desculpas aos professores estaduais. Em um trecho da entrevista, o político ironiza a reivindicação do magistério pelo pagamento do piso nacional da categoria, promessa de campanha não cumprida pelo então governador da época Tarso Genro, e recomenda aos professores que procurem uma conhecida loja de material de construção de Porto Alegre para obter “um piso”.

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano (CHARAUDEAU, 2017, prólogo).

No momento em que o assunto da entrevista passou a ser a educação do magistério público estadual, ou seja, os funcionários efetivados, aqueles que possuem deveres e direitos assegurados em lei, foi que o discurso político perdeu o caráter de seriedade e partiu à ironia, configurada pela intertextualidade com outras cenas enunciativas. Pode-se afirmar que “todo campo discursivo define certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77), ou seja, acontece a retomada de outros discursos em momentos anteriores a este.

Na concepção de Maingueneau (2008a), todo e qualquer discurso é amparado e constituído por uma semântica global, isto é, traz consigo elementos que podem ser percebidos na individualidade, mas que somente na coletividade assumem importância de processo enunciativo.

A partir da noção de semântica global, esse autor considera que o discurso é apreendido na integração de todos os seus planos, ou seja, não se pode tomar *um* plano como sendo o mais privilegiado para a verificação das

especificidades de um discurso. Essa perspectiva abarca algumas dimensões, que, tal como aponta Maingueneau, podem ser isoladas ou repartidas diferentemente. Partimos da hipótese de que todo discurso constrói um quadro enunciativo (FREITAS, 2010, p. 179, grifo do autor).

“É a intertextualidade, portanto, que deixa rastros por meio do intertexto, entendido como o conjunto de fragmentos efetivamente citados por um discurso” (FREITAS; SERENA, 2014, p. 71). Ao efetivar o discurso político, o conceito de intertextualidade é relevante à medida que esta produção é considerada resultado de outras falas e de outros gêneros da vida prática. Dessa forma, o termo TUMELERO faz alusão a um nome familiar, bem como a uma loja tradicional de Porto Alegre onde se encontram produtos da rede da construção.

O que desencadeia toda a polêmica é exatamente o vocabulário *piso* que foi usada com um sentido em detrimento de outro, que está aplicado a uma conjuntura política e administrativa. Conforme Maingueneau (2008a, p. 81), “os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo”, ou seja, houve uma escolha por esse termo e não por outro durante o discurso.

O sentido ambíguo do termo, usado pelo candidato, foi percebido como deboche e até mesmo descaso e desconhecimento da situação do magistério público estadual. “A palavra isolada não se sustenta; os termos assumem valores distintos de acordo com cada discurso” (FREITAS; FACIN 2011, p. 202), isto é, o mesmo vocabulário, no caso *piso*, apresenta um valor real, na materialidade da língua, porém foi destituído da sua carga semântica habitual para depreender outras possíveis interpretações.

O tema é outro elemento que faz parte do plano da semântica global, pois é “aquele que o discurso trata em qualquer nível que seja” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81), não pode ser concebido como hierarquizante, pois sua importância concentra-se no tratamento de sentido apresentado durante o discurso, são elencados vários, com abordagens distintas.

Durante o seu discurso político, o candidato Sartori respondeu a várias perguntas propostas e ao abordar o tema da educação foi que seu discurso destoou daquilo que se esperava como resposta argumentativa. “À semelhança do vocabulário a especificidade de um discurso se define não por seus *temas*, mas por sua formação discursiva” (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p. 12, grifo do autor).

Assim sendo, ele não falou somente deste tema, mas abordou outros que para este momento enunciativo não se apresentaram com real pertinência, mas não é que são sejam importantes no contexto global do discurso.

“Os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87), ou seja, neste momento o discurso político apresenta os estatutos de enunciador e destinatário, os elementos que legitimam todo e qualquer dizer. Acontece uma proximidade com o ethos através do enunciador com o candidato, José Ivo Sartori, pelo seu discurso, chancela as doutrinas que defende ou refuta, no caso, postura de descaso e sátira com o magistério estadual.

As imagens de enunciador e destinatário podem ser compreendidas como recíprocas, uma vez que um manifesta seu dizer para corresponder às expectativas do outro, tendo competência discursiva para articular as informações. Diante disto, “tanto o enunciador quanto o destinatário dispõem de um lugar e, nesse espaço, o enunciador projeta uma imagem de si no discurso a partir da qual o legitima” (FREITAS; FACIN, 2011, p. 203). Ao abordar o tema sobre educação, citando o CPERS (Centro dos Professores do Estado do RS), em seu discurso político, o enunciador refletiu aquilo que ele pensa sobre esta classe aos seus integrantes, no caso os profissionais da área.

A dêixis enunciativa representa a inserção do discurso em determinado tempo (cronologia) e espaço (topografia), sendo que, para Maingueneau (2008a, p. 89) “de uma maneira ou de outra, trata-se de estabelecer uma cena e uma cronologia conforme às restrições da formação discursiva”. Isto é, conforme o que se procura dizer naquele momento enunciativo, no caso do discurso político analisado, o tempo e o espaço estão marcados: o tempo da campanha eleitoral para governo do estado, outubro de 2014; o espaço é o próprio estado do RS, com seus eleitores, mais especificamente, profissionais do magistério.

“No entanto, cumpre lembrar que a dêixis não implica marcas empíricas, mas estabelece uma cena e uma cronologia de acordo com coerções de determinadas formações discursivas” (FREITAS; SERENA, 2014, p. 72). Para cada momento enunciativo, faz-se necessário construir os elementos cronologia e topografia, uma vez que, nem sempre, estes estarão marcados dentro do próprio

discurso. Neste corpus, existe a presença concreta do tempo e espaço quando se tem a data do discurso, e o ambiente a que ele destina-se.

O discurso é caracterizado por uma maneira própria e específica de dizer. De acordo com Maingueneau (2008a, p. 90, grifo do autor), “mas um discurso não é somente determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma “maneira de dizer” específica, a que nós chamaremos um *modo de enunciação*”. A forma como o que se fala é repassada e chega até o público interessado, quando o candidato riu evidenciou-se que a educação não é algo tão a sério quanto deveria.

Também pode ser evidenciado este elemento no discurso político analisado quando é feita uma pausa na fala, a qual foi reproduzida pelo uso das reticências no escrito: “*vamos dizer...como é que diz mesmo?*”. Assim, “o “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93, grifo do autor). Sartori está recorrendo à memória para lembrar de algo que deveria estar muito nítido em sua mente, enquanto candidato a futuro administrador do estado.

Finalmente, o modo de coesão, último elemento constitutivo da semântica global, surge para criar o encadeamento de ideias de uma parte que é constituída no todo do discurso, “está relacionado à interdiscursividade e se dá pelo modo como um discurso constrói suas remissões internas” (FREITAS; SERENA, 2014, p. 72). Quando o candidato utiliza, por duas vezes, a pergunta *né?*, evidencia-se que ele procura manter um contato de aprovação com os jornalistas e, posteriormente, com seus eleitores.

Acontece a necessidade de ter o aval para dar continuidade ao discurso que estava sendo proferido e sofreu com esquecimento, risos, e, por último, interrogativas. Esta parte do discurso não está encadeada com o restante da sua fala, acontece um rompimento coesivo, ou seja, aquilo que se pretendia dizer não foi dito como deveria ser e gerou a polêmica toda.

“O sujeito político que combate um adversário deve rejeitar os valores opostos aos preconizados por este, mostrando por uma boa argumentação a fraqueza e o perigo dessas ideias” (CHARAUDEAU, 2017, p. 93). Primeiramente, o candidato criticou a postura do então governador que prometeu o pagamento do

piso e não cumpriu, porém, na sequência, fez algo pior ao recomendar a loja de material de construção, com alusão ao termo.

A partir deste quadro enunciativo instaurado, depreende-se que o discurso está associado a cenas enunciativas (MAINGUENEAU, 1997), as quais orientam e ordenam o sentido pretendido e são elas: englobante, genérica e cenografia. “Juntas, elas compõem um ‘quadro’ dinâmico que torna possível a enunciação de um determinado discurso” (FREITAS, 2010, p. 73). A construção destas cenas é projetada do discurso com a enunciação.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso que se pretende repassar, nesta análise diz respeito ao discurso político, o qual procura mostrar as reais intenções do seu enunciador para com o destinatário. Dessa maneira, “o discurso político relaciona-se com a paixão e com a razão, mas também com a imagem, pois, em última análise, não há adesão de ideias que não passe pelos homens” (CHARAUDEAU, 2017, p. 94). É função desta cena enquadrar o discurso em determinado campo, neste caso o político, com ênfase na educação.

A cena genérica pode ser compreendida como o gênero pelo qual o discurso nos é apresentado, no caso uma entrevista falada e escrita, com transmissão ao vivo. A postura do candidato, ao proferir seu discurso poderia ter sido outra totalmente contrária à fala, porém foi esta imagem que ele repassou ao povo, a cena que aqui se instaurou foi de um discurso político alienado e omissos com as questões educacionais de seu estado, chegando ao riso.

“Em muitos casos, a cena de enunciação reduz-se a essas duas cenas” (POSSENTI, 2008, p. 204). No entanto, em nosso corpus temos também a cenografia, a qual se constitui no próprio discurso, ou seja, instaura-se como forma de pertencimento e acontece “com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 73). Essas ideias repassadas durante o discurso estão incutidas na pessoa do candidato: - Eu fui lá no Cpers (Centro dos Professores do Estado do RS) e não assinei o documento exigindo um compromisso de pagar ou resgatar o salário... Ele não quer comprometer-se, ou seja, este caos instaurado com a classe do magistério não lhe pertence, é problema de quem ainda está no poder e não dele, candidato no momento.

Em uma cenografia estabelecida existe a associação dos estatutos de enunciador e destinatário, no caso o candidato e o seu público eleitor, pois “o discurso político realiza a encenação seguindo o cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura: uma situação inicial que descreve o mal, a determinação de sua causa, a reparação desse mal pela intervenção do herói natural ou sobrenatural” (CHARAUDEAU, 2017, p. 91). Assim, sempre se espera que o discurso do político, pretendente ao cargo, seja de afinidade com o que a população busca ao participar do processo eleitoral.

Nesta análise, o enunciador rompe com o aquilo que se esperava como fala agradável às massas, ou seja, ao desmerecer a classe do magistério, o candidato deixa claro o seu posicionamento de que educação não foi, não é e nem nunca será prioridade de seu governo. A cenografia aqui construída, portanto, é esta: um discurso político que aposta em progresso, mas que não quer seu povo culto o suficiente para tanto.

Podemos fazer outro apontamento cenográfico com a afirmação: “O piso eu vou lá no Tumelero (loja de material de construção) e eles te dão um piso melhor, né?” Quem não está contente ou satisfeito com o que recebe pode fazer outra atividade, inclusive trabalhar no comércio da construção, lá o salário (assim como o piso) tem maior qualidade e valorização. Diante disso, instaura-se um lugar e um tempo próprios deste discurso,

[...] esses lugares supõem igualmente uma **cronografia** (um momento) e uma **topografia** (um lugar), das quais o discurso *pretende* originar-se (a cronografia e a topografia não são tempos cronológicos nem espaços geográficos, mas “tempos” e “espaços” ideológicos, históricos: a favela, a cidade, a civilização, a globalização) (POSSENTI, 2008, p. 205, grifo do autor).

A partir das cenas instauradas, para que o discurso tenha validade é preciso que este implique uma apresentação ao seu público, uma maneira de dizer, de ser, uma imagem do eu, enquanto enunciador, surge então a questão do ethos “voltado para o orador” (CHARAUDEAU, 2017, p. 113). Uma imagem construída de si próprio, nesta análise, para projetar e incutir no destinatário as estratégias do discurso político.

O sentido do discurso político “impõe-se tanto pelo ethos como pelas ‘ideias’ que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em uma experiência vivida” (MAINGUENEAU, 2004, p. 99, grifo do autor). Quando o candidato não lembra o termo específico para dizer naquele momento da entrevista, ele está afirmando sua posição de alguém indiferente com a educação do estado, está expressando a sua maneira de ser “vamos dizer...como é que diz mesmo?”.

Conforme Freitas (2010, p. 180), “o ethos liga-se ao orador, por meio, principalmente, das escolhas linguísticas feitas por ele, as quais revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, continuamente construída no âmbito discursivo”, enuncia com uma intenção. O candidato trata a classe do magistério estadual em primeira pessoa quando faz a seguinte afirmação “eu vou lá”, a escolha buscou uma aproximação, pois se enquadrou no discurso, no entanto esse ethos assumido apresentou um sentido totalmente contrário.

O ethos instaurado neste discurso político representa uma imagem de alguém que, com o poder em mãos, levará a educação com o mesmo deboche e descaso da fala. Não é possível ficar omissos à situação, mesmo sendo um dilema que vem do governo anterior, pois ele pretende ser o representante de todos os grupos sociais do estado do RS.

Na concepção de Charaudeau (2017, p. 120, grifo do autor), “no discurso político, a credibilidade é fundamental, uma vez que o desafio consiste em tentar persuadir determinado público de que se tem certo poder. [...] o político procura construir para si o ethos de sério, de virtuoso, e de competente”. Todos estes éthé, que eram marcas do candidato Sartori foram desconstruídos quando houve o comparativo entre piso (salário inicial do professor ao ingressar na rede de ensino) com o piso (material de construção, aquele que fica no chão, todos podem, devem e precisam pisar), pois se constatou que sua posição mudou.

## **6 Considerações finais**



Neste trabalho, procurou-se mostrar que durante cada um dos diferentes processos que envolvem a construção, a leitura e a interpretação dos discursos, faz-se necessário que os conceitos trazidos ao longo do embasamento teórico entrelacem-se de uma forma que teoria e prática estejam em completa harmonia para construir a imagem de si, no próprio discurso.

A questão norteadora: o ethos discursivo, projetado pela cenografia enunciativa, constrói uma imagem de si que garante a aceitação e persuasão do seu público alvo, ou seja, convence pelo poder das palavras, fez-se presente e materializou-se do princípio ao fim, pois a imagem que foi repassada pelo candidato Sartori, cristalizou-se com sua fala, ressaltando a falta de comprometimento com a classe educacional.

A posição assumida pelo ethos, como elemento desencadeador de persuasão política, agregando valor ao discurso, provou que uma expressão equivocada destrói e desconfigura toda a imagem existente perante o público. Ao portar-se como enunciador do discurso político, nenhum lapso é visto como algo simples e gera variados pontos de vista.

O estudo contribuiu reafirmando que as teorias e categorias de análise aqui elencadas estão presentes em muitas situações do cotidiano e não somente nas conversas culturais ou filosóficas, uma vez que os conceitos formulados pelos autores estão inseridos em todo e qualquer discurso, pois o ethos sempre é construído e instaurado no quadro das cenas enunciativas. Esta análise foi apenas um esboço de estudo, pois os conceitos abordados podem e devem ser explorados com maior complexidade por toda e qualquer área do saber, já que são atuais e necessários a qualquer manifestação que aborde os gêneros discursivos, mais especificamente em se tratando do discurso político.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

FREITAS, Ernani C. de. Linguagem na atividade de trabalho: ethos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Desenredo*, Passo Fundo, RS, v. 6, n. 2, p. 137-263, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_; FACIN, Débora. Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 198-218, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_; SERENA, Marinês Giareta. A cenografia no discursivo literário: enlaçamento enunciativo e ethos no romance *Eva Luna*. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 64-91, jan./jun. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. (1984). *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 69-92.

POSSENTI, Sírio. *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2008.

SOUZA-E-SILVA, Cecília P.; ROCHA, Décio. Por que ler gênese dos discursos? Resenha de "Gênese dos discursos", de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, v.7, n.13, 2009. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 15 fev. 2018.

Submetido em: 15 de julho de 2018

Aceito em: 08 de janeiro de 2019